

 

Nós fazemos
jornalismo
independente
mas dependemos de você.

GRUPO
Matinal
JORNALISMO

APOIE

Assine. Apoie.
(Matinal + (parêntese) + **ROGER LERINA**
COM.BR

ARTIGOS E CRÍTICAS
LA VEM TEXTÃO

Foto: Paulo Rapoport/Divulgação



ARTIGO

MÔNICA SALMASO

Ô DE CASAS

Três (ou mais) perguntas para Mônica Salmaso

Anfitriã do "Ô de Casas", a cantora paulistana está chegando à edição de número 80 da série encontros virtuais com grandes nomes da música brasileira, firmando-se como autêntica "rainha das lives"

Começou com brincadeira de amigos: assistindo a uma live do cantor e violonista Alfredo Del-Penho há pouco mais de dois meses, Mônica Salmaso começou a cantarolar junto. Ambos curtiram a parceria virtual, e a intérprete resolveu levar adiante a ideia: Del-Penho foi o primeiro convidado de *Ô de Casas*, série de encontros musicais que nesta semana deve chegar o número 80, postados por Mônica quase diariamente em seu perfil no Instagram (*@monicasalmasooficial*) e no YouTube.

Uma das maiores vozes do Brasil, Mônica Salmaso já recebeu a visita de grandes artistas de todos os gêneros musicais: Leila Pinheiro, Mario Adnet, Chico César, Paulo Freire, Guinga, Dori Caymmi, Ná Ozzetti, Zélia Duncan, André Mehmari, Yamandu Costa, Luciana Rabello, Cristovão Bastos, Rolando

Boldrin, Mestrinho, Quarteto Maogani, Teresa Cristina, Vanessa Moreno, Joyce Moreno e Moacyr Luz, entre tantos outros. Tem também visitante estrangeiro: o argentino Juan Quintero, a mexicana Magos Herrera, o português José Pedro Gil e o italiano Gabriele Mirabassi já dividiram a live da grande cantora paulistana.

Nesta entrevista exclusiva, Mônica Salmaso fala sobre o sucesso de *Ô de Casas*, a alegria e a importância dessas reuniões artísticas nestes tempos de isolamento social e lamenta a atual situação do país: "Não reconheço o brasileiro que produz a cultura popular mais rica do mundo".

O que motivou você a começar essa série *Ô de Casas*?

A vontade de fazer alguma coisa que pudesse ajudar as pessoas a ficarem em casa, a se cuidarem e a cuidarem do coletivo. A arte é necessária pra vida e, em situações como esta, isso fica mais evidente.

Essas conversas musicais que você está disponibilizando estão agradando muito o público que gosta de música boa, assim como as lives diárias da cantora Teresa Cristina, por exemplo. Você acha que esse tipo de comunicação dos artistas com o público vai se manter mesmo depois de passado o isolamento social?

Acho que sim, mas em outro grau. Estamos isolados do contato direto com o público e essas são formas de nos aproximarmos, mas estamos sem poder trabalhar. Quando as coisas puderem voltar a acontecer, nosso contato direto e presencial voltará a ser o principal. Sinto muita falta disso. Mas acho que, dentro deste contexto tão delicado e doloroso, o contato direto-virtual entre artistas e público é uma forma linda de alento.

Esse tipo de diálogo abre as portas para colaborações entre os artistas. Você já estabeleceu parcerias criativas a partir desses encontros com outros músicos?

Uma carreira como a minha sempre teve a possibilidade muito feliz de participações em outros projetos, trabalhos e parcerias paralelas ao trabalho do CD mais recente. É, inclusive, por conta disso que tenho esses amigos todos queridos nos encontros do *Ô de Casas*.

Além de uma tragédia sanitária, estamos enfrentando no mundo em geral e no Brasil em particular uma onda de conservadorismo e autoritarismo. Como você vê o país hoje e daqui para frente?

Estou perplexa! Alterno entre uma tristeza infinita e uma raiva enorme de termos, o país que somos, ido parar nessa situação tão horrorosa em termos de princípios, de respeito, de humanidade. Não reconheço nisso o Brasil que eu amo e que eu canto desde o início da minha carreira. Não reconheço o brasileiro que produz a cultura popular mais rica do mundo. Daí vem a minha perplexidade. Acho que o Brasil caiu em uma armadilha por várias razões. Agora terá que se dar conta disso e voltar correndo para algo que se pareça com a normalidade. Algo que mantenha os direitos adquiridos e os ampliem, ao invés de retroceder para a Idade Média ou para um regime autoritário.

Como ficou o mercado agora para os músicos com essa pandemia, que suspendeu também temporariamente os shows presenciais?

A produção musical está totalmente parada. Não há trabalho remunerado possível, fora de aulas virtuais ou lives. É muito grave. Todos os artistas pensando desesperadamente em encontrar uma forma para poder trabalhar dentro dessa situação e, ainda, nas novas situações que virão e que ainda nem sabemos exatamente quais serão ou quando.

O que você tem escutado?

Neste momento eu tenho escutado os trabalhos dos convidados para o *Ô de Casas* e de vários compositores para propor as músicas para cada um. É delicioso. Me mantém viva e produtiva na música.

Quais são seus próximos projetos?

Meu ano estacionou num momento em que eu tinha pra fazer ainda shows da turnê do *Caipira*; lançamento do CD que gravamos eu, Guinga, Teco Cardoso e Nailor Proveta no Japão ano passado; shows em homenagem à Elizeth Cardoso; shows do projeto sobre Wilson Baptista, shows com orquestras agendados... Nem consigo abrir a minha agenda! Meu coração aperta. Os próximos planos são retomar todas essas coisas que foram adiadas.

Assista aos vídeos da série *Ô de Casas* no [canal no YouTube de Mônica Salmaso](#).